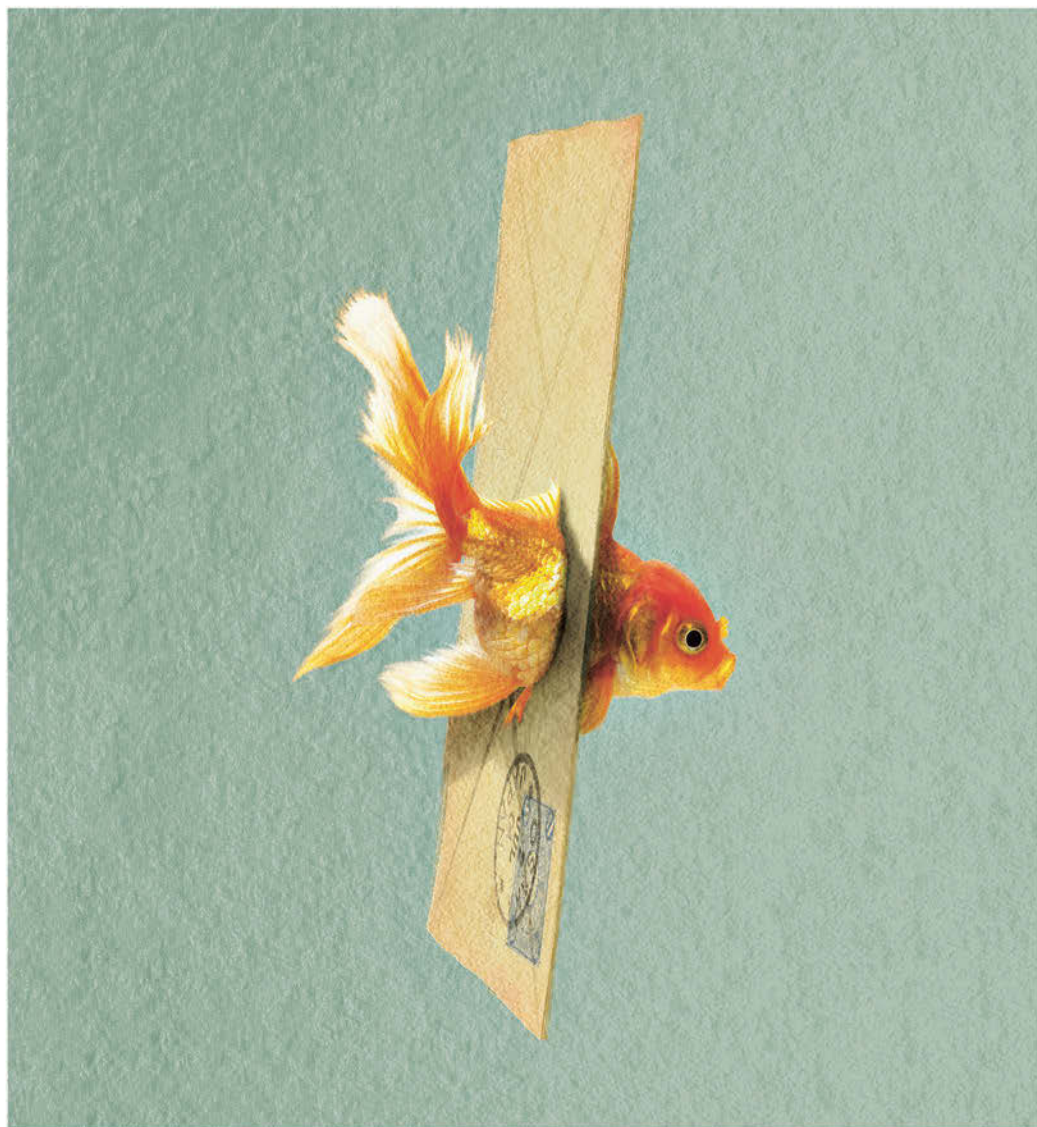


LAURA IMAI MESSINA

PALAVRAS À DERIVA



Uma remota ilha japonesa é o local onde naufragam todas as cartas sem destino



Aos desconhecidos da minha vida

O papagaio de papel partiu-se. Segura no fio.

Ghiannis Ritsos, *Μονόχορδα*.

Como entre espírito e corpo
assim entre um significado e a palavra que o esconde
há uma grande confusão,
como se houvesse um único milagre
indivisível,
enquanto o milagre é precisamente a separação,
o instante em que a polpa viva da palavra se desprende
dos ossos brancos, ressequidos
do significado,
e descobrimos
que o espírito sempre nos uniu
muito mais do que o sangue.

Ana Blandiana, *Variațiuni pe o temă dată*.

Prólogo

— Está uma menina em casa.

A Sra. Shibata ergueu o olhar e deteve a faca no ar a meio do gesto.

— O que é que disseste?

— Entrou uma menina, está junto à porta.

O filho achou a mãe confusa, como se não tivesse percebido a urgência do pedido.

— O que é que eu faço? Vem encharcada da chuva, nem sapatos traz. Só as meias, e estão cobertas de terra.

A mulher pousou a faca na bancada, e Makoto viu o círculo negro dos seus olhos a alargar-se de repente:

— Mas quem é?

— Não faço ideia.

A Sra. Shibata apagou o lume e afastou-se rapidamente da ilha da cozinha.

— Tem calma — avisou ele —, é pequena.

Makoto, que naquele dia de verão fazia onze anos, imprimiu lentidão aos seus passos; temia que um ruído repentino pudesse alarmar a intrusa, como acontecia com os passarinhos *mejiro* que planavam sobre as ameixoeiras no jardim, mas que, mal se apercebiam de uma sombra, voavam dali para fora.

— Está ali — sussurrou, apontando para uma menina sentada no degrau que separava a entrada do início da casa. Envergava um vestido vermelho que perdera já todas as pregas e, da ponta dos cabelos, escorria ainda a chuva.

— Olá — disse baixinho a mulher. Ajoelhou-se a poucos metros de distância, e a menina virou-se para encará-la. Pelo olhar, a mulher reparou que era ainda mais pequena do que imaginara.

— Quem és tu? Como é que entraste nesta casa?

Foi uma coincidência, como tudo o que nos acontece e de que temos consciência, mas a mãe murmurou:

— Perdeste-te?

E, no mesmo instante, o filho perguntou o nome à menina, de modo que as palavras se perderam umas nas outras. A menina riu-se e retirou uma coisa do bolso, estendeu-a no regaço e entregou-lha.

A Sra. Shibata sentiu um assombro não inferior ao que experimentara momentos antes ao imaginá-la a sair de casa, aventurar-se descalça à chuva, identificar por acaso uma porta, encontrá-la aberta e sentar-se à entrada, calma. Teve um sobresalto no momento em que pegou no envelope, porque a menina, que até ali se mantivera em silêncio, exclamou de repente:

— Entregue!

O enigma da pequena intrusa durou pouco mais de uma hora, um tempo prolongado pela chuva intensa, pela necessidade de a secar e pela linha telefónica interrompida pela tempestade. Chamava-se Risa e tinha três anos, como explicou, esticando em resposta o polegar, o indicador e o dedo médio. O remetente da carta era de uma morada da província de Oita, mas o destinatário morava em Kamakura, a poucos quarteirões dali.

Quando o céu por fim descobriu, a Sra. Shibata pediu ao filho que esperasse por ela enquanto acompanhava a menina à morada escrita na carta; estava convencida de que esta lhe chegara às mãos por a ter encontrado em casa, pura e simplesmente. Makoto, porém, insistiu em acompanhá-la e seguiu

a mão da menina, guiando os seus passos pelas poças e pelos beirais de onde escorria a água da chuva. Risa ia calçada com as galochas que outrora lhe tinham pertencido e sorria em silêncio, divertida com as vestimentas novas que a envolviam. Levava na mão o saquinho no qual a Sra. Shibata colocara o vestido vermelho, enxugado à pressa com o secador de cabelo.

Chegaram à morada e, pela expressão perdida da idosa que abriu a porta, ficou logo claro que a menina não morava ali.

— Sim, a carta é minha — assentiu a mulher, virando o envelope. — É do meu irmão, escreve-me todos os meses há cinquenta anos, desde que deixou o Kanagawa para se tornar professor em Oita... Agora está reformado.

— Mas a senhora não conhece esta menina? Não é da sua família?

— Não... Não! — exclamou ela, perplexa. — Estou sozinha, às vezes, os meus filhos vêm visitar-me, mas moram longe, uma em Fukushima, o outro em Okinawa. — Após um momento de hesitação, voltou ao envelope. — Mas porque é que o tinham?

— Estava no bolso da menina.

— Esta gaiata? A sério?

A idosa fitou Risa com curiosidade, depois pareceu hesitar.

— Mas, eu já te vi...

— Lembra-se onde? Talvez, com quem?

A mulher baixou novamente o olhar para a carta e a seguir levantou-o de repente.

— Mas, claro, é a menina do Katō!

— Katō?

— Sim, Katō-san, que nos entrega o correio, uma vez vi-os juntos no supermercado, e outra, no Ano Novo, à frente do Hachiman-gū.

— O carteiro?

A mulher assentiu.

— Sabe onde é que ele mora?

Makoto, que não largara por um momento a mão de Risa, viu a idosa abanar a cabeça; não disse nada, mas achou estranho, um pouco triste, o pai daquela menina saber a morada de toda a gente, mas ninguém saber a dele; ele conseguir entregar encomendas, contas e cartas de olhos fechados a qualquer pessoa, mas ninguém conseguir devolver-lhe a filha. Foi nesse instante que Makoto reconheceu a emoção de todas as manhãs, quando encontrava Kentarō na escola, aquele colega que repetia a primeira classe há anos e sorria incansavelmente a toda a gente, como se a vida fosse uma coisa maravilhosa, repleta de brilhos, animais da selva e planetas fascinantes em órbita, mas a quem nenhuma criança se dirigia da mesma forma. Ninguém levava aquele sorriso a sério, ninguém lho devolvia.

A Sra. Shibata despediu-se da idosa com uma vénia e, enquanto avançava com passo decidido em direção ao posto central dos correios da cidade, dirigia uma palavrinha a cada um deles («Risa, vais ver, não tarda nada estás em casa!» «Toca a mexer essas pernas, que a mãe desta menina deve estar a morrer de medo... O teu pai vai voltar mais cedo do trabalho para festejar o teu aniversário, não iria gostar de não encontrar ninguém em casa»). Makoto refletia sobre aquela falta de correspondência cuja injustiça percebia agora integralmente. No dia em que fazia onze anos e uma minúscula forasteira se introduzia descalça e encharcada em sua casa, intuiu a reciprocidade imperfeita que governa as relações, aquela injustiça sem nome que era aceite por todos e por todos cometida.

De caminho, atravessando uma passagem de nível, chegaram finalmente ao posto dos correios. O Sr. Katō tinha saído há pouquíssimo tempo, disseram. Telefonaram para casa dele, mas

ninguém atendeu («Terminou agora mesmo o turno, é provável que ainda não tenha chegado», «Há algum tempo que a mulher dele não anda bem, pode ter perdido a menina de vista», «Não é a primeira vez, acontece com frequência dormir o dia todo»). Makoto reparou nas pupilas da mãe a fecharem-se lentamente, como quando os adultos desistem de resolver tudo.

— É inútil chamar a polícia, é melhor levá-la diretamente a casa. Fica longe daqui?

De volta à rua, Risa estendeu os braços, e a Sra. Shibata pegou-a ao colo, enquanto Makoto levantava o guarda-chuva para o céu, até onde a mão alcançava. Regressaram pelas mesmas ruas, cruzando as passagens de nível, passando pelos estabelecimentos, e seguindo pela subida que levava à montanha de Sasame.

Caminhavam em silêncio, Risa adormecida no ombro da mulher, Makoto a observar o rosto sereno da menina. Só pararam quando chegaram à última habitação, antes de a montanha se transformar num emaranhado impenetrável de gencianas, pinheiros-negros e bambus. Uma luzinha balouçava suspensa por cima da porta. A escuridão envolvia a casa e parecia prestes a devorá-la.

— Risa?

— Risa, acorda. Já chegámos.

— Moras aqui, certo?

A menina abriu os olhos, mas permaneceu em silêncio, tanto que, no início, duvidaram que tivessem acertado na casa.

Estava completamente coberta por uma hera deslumbrante, com ramos que se entrelaçavam até nos vidros das janelas; era como se a montanha a tivesse emprestado à vida por uma única estação e estivesse já prestes a recuperá-la.

A Sra. Shibata tocou à campainha. À terceira tentativa, ouviram-se ruídos vindos do interior e, pouco depois, uma

mulher abriu a porta. Olhou-os com um ar sonolento e parecia prestes a dizer algo, quando fitou a menina.

— Risa!

A filha leu no rosto da mãe toda a história, e, como se o tempo voltasse a mover-se naquele momento, sentiu-se subitamente exausta e desatou a soluçar. A Sra. Shibata surpreendeu-se tanto com o choro como antes se maravilhara com o silêncio. Não tinha culpa, mas, ainda assim, sentiu-se em falta.

— Agimos o mais rapidamente possível — justificou-se, entregando à mulher o peso da menina. — Infelizmente, não sabíamos quem ela era, o meu filho encontrou-a em casa, na entrada, estava descalça. Ainda chovia a cântaros, e a seguir secámo-la um bocadinho.

— Risa...

— Preferimos não ir à polícia por nos ter parecido menos cansativo para a menina trazê-la diretamente para casa. Claro que, se a situação se tivesse prolongado, teríamos recorrido a eles.

— Eu... eu agradeço-vos, peço imensa desculpa... eu... vocês, o incómodo — murmurou a mulher, estreitando a filha no peito.

— Qual incómodo, é uma menina muito sossegada — apressou-se a dizer a Sra. Shibata. — Pode ficar com as roupas e os sapatos. São tudo roupas velhas que pertenciam ao meu filho quando era pequeno; de qualquer forma, teria de me desfazer delas. Se não precisar delas, pode deitá-las fora.

A mulher parecia não ter dado por nada, nem pelo desaparecimento da filha, nem pelas roupas molhadas no saco de plástico, tal como, provavelmente, ignorava a chuva que caía durante horas, bem como a chegada da noite.

Constrangida, a Sra. Shibata começou a recuar.

— Bem, vamos andando, temos de ir buscar o bolo de aniversário à pastelaria... O meu marido já deve ter chegado... Sabe, já é tarde, amanhã há escola.

Ouviram então passos atrás delas e viram um homem a surgir na penumbra.

— Pai! — exclamou Risa, tentando soltar-se dos braços da mãe para correr ao seu encontro. Sem esperar mais, a Sra. Shibata fez uma rápida vénia e começou a descer, passando o braço pelo ombro do filho:

— Vamos.

Makoto virou-se por um momento para encarar o carteiro. Havia nele algo de familiar, embora Makoto tivesse a certeza de que, se o encontrasse na cidade no dia seguinte, não seria capaz de o reconhecer.

Mãe e filho desceram rapidamente a montanha, e as trevas, adensadas pela humidade da noite, abriram-se à sua passagem como água negra.

— Não sabia que vivia aqui alguém — disse o rapazinho em voz baixa. — Nem sequer sabia que havia alguma coisa no fim desta rua.

— Nem eu — respondeu ela.

— Mas não fica longe de nossa casa.

— É menos de um quilómetro em linha reta...

— Porque é que não sabemos este tipo de coisas?

— Que tipo de coisas? A existência de uma casa?

Makoto assentiu.

— Provavelmente porque não nos interessa saber... pelo menos até ao momento em que passamos a saber — respondeu com um sorriso breve.

Chegaram à pastelaria quando os funcionários estavam prestes a fechar a grade de segurança. Recolheram o bolo de

aniversário e compraram frango frito. Foi uma festa tranquila, e Makoto passou a noite a admirar o equipamento de *kendo* que recebera do pai. Apenas o jantar foi entrecortado pelas habituais discussões entre os pais, que, há meses, conversavam sem olharem um para o outro: Makoto começara a acreditar que era assim que os adultos comunicavam entre si.

Antes de imaginar o vasto campo de erva ondulante com o qual habitualmente caía no sono, Makoto lembrou-se da casinha coberta de hera, e, de todas as possíveis memórias do seu décimo primeiro aniversário, o último que passaria naquela cidade, escolheu justamente a gaiata vestida de vermelho, sentada na entrada de sua casa, encharcada da chuva e com uma carta para lhe entregar. Uma carta que nada tinha que ver nem com ela nem com ele, mas que, de alguma maneira misteriosa, fizera com que se encontrassem.

1

Bastava um sinal, um único pretexto para que o extraordinário acontecesse.

Risa sentia que isso acontecia sobretudo onde o ambiente era estranho, e estranhos eram também todos aqueles com quem interagia. Desde pequena, tinha plena consciência de que as magias mais surpreendentes acontecem justamente entre desconhecidos, e funcionam tanto melhor quanto mais estes se mantêm como tal.

Risa aproximou-se da janela e viu o Mar Interior de Seto estender-se muito além do seu campo de visão. O ar que saía da ventoinha pendurada no alto atingia-lhe a testa em gol-fadas, lançando-lhe os cabelos para trás. A mala estava encaixada no espaço entre o banco da frente e o assento, e havia desconhecidos por todo o lado; eram poucas pessoas, mas todas elas estavam ligadas por aquele fio robusto que, para Risa, era o facto de não saber nada sobre elas. Apenas um par de raparigas pareciam turistas, os outros eram passageiros habituais, sem bagagem e com o ar de quem conhece exatamente a duração da viagem. A cada madrugada, provavelmente, apanhavam o barco para irem para a escola ou para o trabalho, e, após o pôr do sol, repetiam a travessia no sentido inverso.

«Awashima, estamos a chegar à ilha de Awashima. Pedimos aos senhores passageiros para não se esquecerem da bagagem a bordo e para aguardarem a atracagem antes de se levantarem dos vossos lugares.»

Risa saía de casa ao amanhecer e, no meio da multidão de uma manhã de terça-feira, embarcara no comboio para Yokohama. Apanhara o voo das sete e trinta no aeroporto de Haneda e, ao descolar, olhara insistentemente para as casas, os escritórios, os parques, os pátios das escolas, os parques de diversões, os estádios a comprimirem-se pouco a pouco uns contra os outros, até os espaços intermédios desaparecerem por completo. Era ali que Tóquio, com as suas ruas desprovidas de nome, os números das portas que apareciam e desapareciam a cada demolição, a constante troca de moradas, as casas abandonadas e as contínuas alterações de residência, se tornava uma amálgama sem limites.

O voo para Takamatsu fora curto, ainda mais porque, ao descolar, o sono a tomara quase imediatamente. Reabriu os olhos ao anunciarem a aterragem e voltara a prestar toda a atenção à paisagem. De repente, o mar abriu-se e as centenas de ilhas espalhadas pelo Mar Interior de Seto tinham-na trazido de volta aos nove anos, àquele prato volumoso de cerâmica verde que lhe escorregara da mão e se despedaçara em mil fragmentos no chão; lembrava-se do sobressalto da mãe e do seu sorriso tenso, enquanto se agachava furiosamente para recolher tudo, antes que a mulher pisasse os cacos e se cortasse nas suas piruetas de alegria e canto.

O que cantaria naquela época, interrogara-se Risa. A seguir, perscrutando a paisagem em busca de uma ilhota em forma de hélice, sussurrou:

— Qual será a de Awashima?

Resolvera chegar cedo para aproveitar parte da manhã, memorizar o trajeto desde o Posto dos Correios à Deriva até à sua residência, arrumar a roupa no armário, fazer uma lista de tudo o que era necessário para viver ali durante um mês.

A casa que lhe tinham disponibilizado era uma das moradias destinadas aos artistas, onde podiam passar longos períodos a trabalhar em projetos para expor na ilha ou na Trienal de Setouchi, o evento de arte mais importante da região. O complexo principal estava localizado no prédio da antiga escola secundária, enquanto a pequena casinha de poucos *tatami*, que lhe fora atribuída, ficava afastada do cais. Encontrava-se no final da única estrada que corria ao longo da ilha e dali subia a montanha.

Justamente durante aqueles dois meses entre o inverno e a primavera, a casinha permanecera desocupada, e a insistência de Risa, o nome da universidade para a qual trabalhava e algo que atribuía à sorte tinham convencido a administração local a ceder-lha.

«Awashima, estamos a chegar à ilha de Awashima. Pedimos aos senhores passageiros para não se esquecerem da bagagem a bordo e para aguardarem a atracagem antes de se levantarem dos vossos lugares.»

O navio começou a virar em direção ao porto e inclinou-se lentamente para o lado para completar a manobra. As duas turistas levantaram-se, emocionadas, e os outros fecharam os casacos, colocaram as bolsas a tiracolo, as mochilas às costas e desviaram os olhares dos ecrãs do *ferry*, que exibiam um programa de entretenimento, daqueles repletos de rostos exagerados e legendas em caracteres grossos.

— Precisa de ajuda com a mala?

O homem que se lhe dirigia, ligeiramente mais velho do que ela, devia tê-la visto a esforçar-se para libertá-la. Instintivamente, Risa interrogou-se onde teria ele ficado sentado durante todo aquele tempo e se faria parte da tripulação, pois entre os passageiros não reparara nele.

— Não, obrigada — respondeu, lesta, conseguindo naquele momento desencaixar a mala do assento.

Ele fez um gesto afirmativo e empurrou com o ombro a porta que dava para o exterior. Carregava nas mãos sacolas repletas de alimentos: de uma despontava uma cebolinha *negi*, de outra, um cacho de bananas.

Quando Risa saiu novamente para o exterior, foi atingida pelo ar frio do oceano que, somente naquela parte, era designado por «mar».

Finalmente, estás em casa, pensou, e, instintivamente, acariciou a bolsa repleta de envelopes apertada contra a anca. Cada uma daquelas cartas clandestinas tinha uma morada diferente, uma caligrafia irregular que Risa, embora não fosse nem a destinatária nem a remetente, conhecia de cor.

Avistou Awashima da proa do barco, e algo a alertou de que a sua vida, não na teia concreta dos dias, mas na forma de a sentir e imaginar daí em diante, poderia mudar. Nada o antecipava efetivamente, mas a forma peculiar da ilha, que, daquela perspectiva, parecia interminável, a silhueta do pequeno porto coberto por um vasto teto de lona branca e, ao fundo, a sombra verde-esmeralda da montanha afiguraram-se-lhe como uma evidência. Foi então que, na mente de Risa, aquela paisagem se sobrepôs num instante às dezenas de fotografias e sequências de vídeo colecionadas em preparação para a viagem, queimando-as a todas, sem exceção.

— Por favor, tenham cuidado, afastem-se — ordenaram firmemente os membros da tripulação ao manobrar o carrinho.

No cais de atracagem, um homenzinho segurava nas mãos um enorme cartaz com o nome dela: Dra Katō Risa. Ergueu-o acima da cabeça e fitou-a, reconhecendo-a entre os rostos reunidos na proa. Ela sorriu-lhe em resposta, mas discretamente, porque era incapaz de se entregar por completo.

Os marinheiros puxaram os calabres e cumprimentaram-se com conversas que soaram tão quotidianas aos ouvidos de

Risa como se tivessem sido interrompidas apenas algumas horas antes, no mesmo ponto. Fixaram finalmente a ponte ao cais, e os passageiros começaram a descer, segurando-se firmemente às cordas.

— Bem-vinda a Awashima, Katō-sensei! — exclamou o homem, aproximando-se de Risa com o cartaz debaixo do braço.

Como a sombra das pestanas na face, a manhã descia, estendia-se pela tarde e encerrava-a.

Risa seguiu com o olhar as turistas que arrastavam as malas em direção ao único hotel da ilha e avistou também o homem que se oferecera para ajudá-la com a bagagem. Viu-o subir com as sacolas repletas de mantimentos para uma carrinha estacionada no parque em frente ao cais.

— Chegou a tempo, antes do assalto!

Risa virou-se surpreendida para o homem que a aguardava com o cartaz e que agora colocava a sua mala no banco traseiro de um carro.

— Assalto?

— Amanhã teremos pelo menos um terço de pessoas a mais na ilha — disse, rindo-se e exibindo uma dentadura completa. — Uma invasão pacífica, claro.

— Li que os moradores são pouco mais de cem — disse ela de forma vaga.

— De acordo com o último censo, somos oficialmente cento e quarenta e duas almas, mas quem pode garantir que o número será o mesmo daqui a uma semana? Há muitos octogenários, que, graças a Deus, estão bem de saúde, é claro. Mas nunca se sabe. Não há muito movimento por aqui; só uma família que se mudou para cá o ano passado.

O homem abriu-lhe a porta e, anunciando o destino, entrou na viatura. Enquanto dirigia, explicou longamente que,

no dia seguinte, a ilha se encheria de gente para o Festival de Momote. Apenas uma parte tinha reserva para passar a noite; a maioria regressaria a terra firme após a celebração.

Risa passara as últimas dez semanas a vasculhar bibliotecas, páginas da Internet e livrarias para reunir toda a informação disponível sobre a ilha, mas não o interrompeu. Olhava para o alto dique que acompanhava a estrada sem a deixar por um instante, cortando a praia e a vista do mar.

— Pode instalar-se com calma nos seus aposentos. Ficam um bocadinho afastados de tudo, mas privacidade não lhes falta — esclareceu o homem quando chegaram à residência.

Ela, porém, já se tinha desvincilhado da bagagem, o mar chamava-a. Mal vislumbrou as caixas coloridas penduradas no teto, os desenhos bizarros nas paredes e os objetos esculpidos nos cantos da entrada.

— Na verdade, gostava de ir já aos correios. Acha que seria possível?

— Ah, estava a pensar vir buscá-la à hora do jantar. Gostaríamos de dar-lhe as boas-vindas, mas, sabe, por causa do festival de amanhã, não podemos estar todos presentes.

— Irei a pé, estarei onde me disser para estar. — Vendo-o hesitante, acrescentou: — À hora marcada.

— Mas daqui vai demorar no mínimo meia hora! E as nuvens...

— A estrada é sempre a direito, certo?

— Sempre! Não há o perigo de se perder, de certeza.

Risa ajeitou o boné que gostava de usar durante as viagens e calçou novamente os ténis de lona.

— O chefe dos correios talvez compareça ao jantar, mas não sei se poderá abrir as instalações antes de amanhã de manhã.

— Não há problema, observarei o edifício por fora. Vou explorar os arredores, por hoje é suficiente.

O homem encolheu os ombros, desistindo de entender. Fez uma vénia na direção de Risa e voltou para a viatura.

— Até logo — despediu-se ela. Somente quando teve a certeza de que tinha iniciado a marcha é que acenou com a mão e gritou com ênfase: — Muito obrigada!

Desde criança, o momento da despedida tranquilizava-a, sentia uma espécie de ternura pelo que deixava para trás, como se a separação garantisse um grau de familiaridade mais intenso; tornavam-se ambos parte de algo que se quebrava.

À folha vermelha que voou sobre o parapeito

De que árvore vens? Se caíres novamente na rua, regressarás a seguir? Aonde irias, se pudesses viajar? Precisas de um mapa? Eu desenho mapas desde pequenininha, mapas para voltar para casa, mapas da escola até à piscina, mapas para as formigas encontrarem o caixote do lixo, mapas para as estrelas, quando se cansarem de ficar paradas, poderem cair. Já sabes aonde gostarias de ir? Foi lindo quando abri a janela e te encontrei no parapeito. Mas estou um bocadinho preocupada. Era exatamente aqui que querias chegar ou ias para outro sítio? Se eu te colocar entre as páginas do livro que me deu a minha mãe, importas-te? Se preferires ir, posso escrever no verso, em letras bem miúdas, a nossa morada; assim, se te perderes e quiseres regressar, poderás fazê-lo. O que te parece?

Rio

2

«Se não caminhares, não caís», dizia a mãe de Risa, «o que significa que, se caminhares, cairás pela certa».

Quando Risa chorava, a mulher sentava-se ao seu lado e exclamava: «A felicidade é como um bolo: ao olhá-lo com fome, parece que nunca será suficiente para encher a barriga, mas, já depois da primeira fatia, começa a dar fastio»; a seguir, se Risa a encarava, acrescentava: «Acredita em mim, a melancolia é muito mais bonita.» Ao ouvido, enquanto a filha mastigava, sussurrava-lhe: «Come devagar, aprende com o caracol», e a seguir, misteriosa: «O céu não é azul como te dizem, mas a terra é mesmo uma esfera.» Quando via Risa a segurar numa caneta, advertia-a: «Nunca escrevas nada que te possa levar a mudar de ideias.» Por vezes, imperativa, ordenava: «Caminha direita, vê como faz a girafa.» Ou atenciosa: «É preciso manter o corpo aquecido, ou adocece. Cuida sobretudo das extremidades do corpo, dos pés e das mãos.»

Tivesse a filha três anos ou tivesse já completado vinte, o punhado de recomendações e revelações da mãe não mudava, nem no conteúdo, nem no tom. De vez em quando, a mulher erguia os olhos, fixava-os no rosto de Risa e ficava admirada com o quanto ela crescera. Todavia, não dizia nada, desviava o olhar e decidia ignorar a estranheza da descoberta.

Na vida de Risa, a intermitência da mãe fora sempre equilibrada pela presença constante do pai. Desde o início, ele compensara as ausências da mulher, recompusera as palavras trôpegas, o olhar enevoado e as suas longuíssimas vigílias.

A mãe de Risa só adormecia quando a mente estava prestes a render-se, e isso frequentemente sucedia já pela manhã. Acontecia exclamar com satisfação «Bom dia!» às três da madrugada, e, então, o pai levantava-se, retribuía-lhe com ternura o cumprimento, acariciava-lhe a cabeça e levava-a de volta para a cama; caso resistisse, preparava o pequeno-almoço e deixava-a sentada na poltrona, a aguardar que a luz subisse a montanha.

— Sais ao teu pai — dizia a mãe a Risa quando estava zangada. — Sais ao teu pai — sussurrava-lhe quando a mimava com ternura.

Com o tempo, a expressão tornara-se neutra, exata. Era verdade, Risa saía ao pai e amava-o tanto que, ao crescer, desenvolvera o medo de não ser capaz de amar mais ninguém de igual forma. Não era apenas o laço de sangue, as belas histórias que ele lhe contava ou a serenidade com que recebia boas e más notícias; o que fascinava Risa era também o seu trabalho de carteiro, aquele ato quase prodigioso de entregar cartas e encomendas, fortalecendo as relações entre pessoas distantes ou até desconhecidas. Risa admirava no pai o excepcional conhecimento das moradas, a memória dos rostos e das portas de entrada e, mais do que tudo, venerava a sua capacidade impressionante de visualizar, a partir de uma simples sequência de números e letras, um local específico da cidade, como aqueles músicos que, só de pousarem os olhos numa partitura, são capazes de ouvir a sua melodia.

Só quando já era crescida é que Risa se apercebeu de que a mãe também a tinha cumulado de presentes, embora muitas vezes oferecidos com tremenda inconsciência. Não sabia nada sobre como vestir a filha no inverno, nem qual era a hora mais adequada para uma refeição; contudo, era graças a ela que Risa estava agora naquela ilhota remota do Mar Interior de Seto, bem longe da oportunidade mais concreta de carreira

que lhe surgira, mas pronta para enfrentar o risco que se corre quando se decide procurar resposta para perguntas que, deixadas em aberto durante anos, nos seguraram a escada, bem ou mal, enquanto subíamos da infância para a adolescência e ainda mais alto, até à idade adulta.

«Às vezes, apaga a luz e enfrenta a escuridão da tua tenda», dissera-lhe na noite antes de Risa partir para o acampamento de verão. «Treina-te a imaginá-la, a luz, acende-a. É um exercício que te será útil quando todas as outras luzes se apagarem.»

A mãe ensinara-lhe a poesia.

O céu escurecera rapidamente, mas deixava cair inesperados sulcos de luz. Parecia que uma criança enfiara a mão entre a terra e o sol e brincava a abrir e a fechar os dedos.

Risa só teve tempo de voltar à estrada e caminhar alguns quilómetros ao longo da berma antes de a chuva começar a cair.

Viu uma descarga de agulhas de prata a precipitar-se do alto e depois a mudar de direção empurrada pelo vento. Cravaram-se-lhe no cabelo, na lona dos sapatos, infiltraram-se à força no tecido das vestes, e, volvidos escassos minutos, estava encharcada. Parecia-lhe inútil procurar abrigo, mesmo quando avistou o telhado de uma casa.

— Ei!

Risa virou-se na direção da voz, mas a água preenchia-lhe a visão.

— Por aqui! Por aqui! Venha!

Risa seguiu a voz que vinha da esquerda.

Foi puxada para debaixo de um alpendre pela mão firme de uma idosa.

— Quando desata a chover nesta estação, o melhor que temos a fazer é esperar que passe. É rápida, mas intensa.

Vou contar-lhe um segredo, tem de observar o Kuro-chan. Se não vir um gato preto no dique, significa que o céu está prestes a despejar baldes de água sobre nós.

Risa sorriu, puxando os cabelos encharcados para trás.

— Kuro-chan.

— Ah, mas você não é turista! — exclamou a mulher, estudando-lhe o rosto. Tinha dentes sobrepostos, alguns mais novos do que outros. — Já a vi antes, mas onde... Ah, numa fotografia, você é a recém-chegada, aquela que trabalha numa universidade de Tóquio e veio pôr ordem no Posto dos Correios à Deriva, certo?

Enquanto fazia a pergunta, a idosa convidou-a a entrar em casa. A seguir, desapareceu por um instante no emaranhado dos aposentos, para ressurgir com uma toalha.

— Aqui tem, seque-se. E conte-me lá como é que lhe passou pela cabeça dedicar-nos um mês inteiro da sua vida. A mim pareceu uma loucura desde o início, mas os jovens estão cheios de loucura, é o que há de bom na vossa idade. Os vinte anos são realmente uma idade absurda!

À Mie-chan

Naquela noite, queria convidar-te para dançar, mas, assim que chegaste, disseste que estavas com dores de cabeça. Talvez tivesses recusado de qualquer forma, porque o que te doía não era a cabeça, mas os sapatos. Dava para ver que tinhas dificuldade em estar de pé, e os sapatos não eram novos, mas polidos com esmero. Provavelmente, eram da tua irmã Kazue, de quem herdavas todas as coisas. Até a mochila da escola era dela, e, sobre as letras bordadas com o nome dela, os vossos pais tinham colado um adesivo com o teu nome: «Mie». Lembro-me, porém, de que o adesivo se descolou logo no primeiro dia, e, para toda a gente, passaste a ser a Kazue. Mas eu nunca te chamei por outro nome, e, naquela noite, queria convidar-te para dançar. Passados cinquenta anos, ainda não me perdoo por não te ter pedido. Se tivesse tido coragem, ao menos terias sabido que eu queria dançar contigo. Quem sabe se ainda danças nalgum lugar do mundo, quem sabe se esta noite alguém te está a segurar na mão.

Hiroaki

Um romance cheio de encanto sobre o poder da escrita e a beleza das relações que se estabelecem entre desconhecidos

Há uma pequena ilha, no Mar Interior de Seto, que tem a forma de uma hélice e não tem mais de cento e cinquenta habitantes. Ali mesmo, na pequena estação de correios de Awashima, encontram-se todas as cartas enviadas para um destinatário inalcançável: um amor perdido mas ainda presente, o brinquedo preferido da infância, o lagarto a quem uma criança roubou a cauda, o primeiro beijo há muito esperado. Como mensagens numa garrafa, são palavras deixadas à deriva que não esperam por uma resposta.

Risa, uma jovem professora universitária, viaja até à ilha e oferece-se para catalogar as centenas de cartas que chegaram à estação de correios nos últimos anos. O trabalho que a espera é de monta, tão minucioso como peneirar o oceano, mas Risa fá-lo por um motivo maior: o seu pai é carteiro e toda a vida trabalhou com dedicação e tenacidade para que não se perdesse uma única carta. A verdade, porém, é que Risa nutre a esperança de que, entre aqueles milhares de palavras de amor, arrependimento, gratidão, culpa e alegria, algumas lhe sejam dirigidas a ela, e que a ajudem a encontrar as respostas que desesperadamente procura.

Laura Imai Messina tem uma capacidade especial, poética e intensa de captar a magia oculta do mundo e de a contar. Cada uma das suas histórias é uma viagem que nos leva para longe, para o mais íntimo dos nossos pensamentos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-658-1



9 789895 836581